



Ciências Sociais Unisinos

ISSN: 1519-7050

periodicos@unisinos.br

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Brasil

Hudson Rolim, Vanderlan; Veloso Sousa, Caissa

A globalização vista pelo prisma de uma obra cinematográfica: uma análise da película Adeus, Lênin!

Ciências Sociais Unisinos, vol. 48, núm. 1, enero-marzo, 2012, pp. 61-67

Universidade do Vale do Rio dos Sinos

São Leopoldo, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=93823702008>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

OPINIÃO

A globalização vista pelo prisma de uma obra cinematográfica: uma análise da película *Adeus, Lênin!*

Globalization seen from the point of view of a cinematographic work:
An analysis of the film, *Good Bye, Lenin!*

Vanderlan Hudson Rolim¹
vanderlanbh@gmail.com

Caissa Veloso Sousa²
caissaveloso@yahoo.com.br

Introdução

Desde a década de 1970, os países de diversas partes do mundo têm apresentado transformações políticas, econômicas e sociais. Essas transformações direcionam o comportamento dos indivíduos a uma adaptação voltada para o consumo e a aquisição de bens a fim de atender os anseios pessoais (Dupas, 1999). Especificamente sobre as transformações econômicas, observa-se a construção acelerada de uma ligação e dependência do mercado entre os países, desconstruindo um formato isolado e independente de produção de serviços e de bens, dentro de uma determinada localidade (Castells, 2007).

A abertura do mercado nacional para o mundo desperta uma reflexão positiva sobre a possibilidade de se ampliar a oferta de empregos e oferecer produtos diversificados (Friedman, 2007). Ao mesmo tempo há uma sensação negativa de invasão de território por empresas e pessoas que não pertencem a uma comunidade e ali estão para ditar normas comerciais, exploratórias e de cunho meramente capitalista. Esta abertura de mercado nacional para o mundo, com uma bagagem positiva ou negativa, é conhecida como globalização.

Castells (2007) e Stiglitz (2007) apontam que a globalização não é um fenômeno novo, contudo, nas últimas três décadas esse tema tem proporcionado uma discussão mais instigante em torno de seus benefícios ou malefícios, em função da facilidade de contato entre os diversos países, dado o desenvolvimento da tecnologia de informação.

Dada a abrangência desse fenômeno, tem-se no artigo a globalização como foco da discussão, que procura responder ao seguinte problema de pesquisa: "Como a globalização pode interferir nas relações sociais de determinada comunidade ou organização?" A partir do problema formulado, o artigo propõe como objetivo principal identificar se há, por meio da globalização, favorecimento ou prejuízo nas relações sociais entre os indivíduos. De uma forma mais específica, pretende-se: (a) apresentar subsídios que permitam discutir a homogeneidade da distribuição dos meios de produção; (b) identificar aspectos pertinentes à valori-

¹ Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD). Mestre em Administração de Empresas – Faculdade de Estudos Administrativos (FEAD). Rua Cláudio Manoel, 1185, 5º andar, Bairro Funcionários, 30140-100. Belo Horizonte, MG, Brasil. Professor da Academia de Polícia Militar de Minas Gerais, Rua diábase, 320, 30410-440, Bairro Prado, Belo Horizonte, MG, Brasil.

² Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG/CEPEAD. Doutoranda em Mercadologia e Administração Estratégica – UFMG/CEPEAD. Av. Antônio Carlos, 6627, 4º andar, Bairro Pampulha, 31270-901, Belo Horizonte, MG, Brasil.

zação ou destruição de culturas locais; (c) identificar mudanças comportamentais dos mercados; (d) identificar alterações sociais em relação a uma nova ordem econômica emergente.

Para atender aos objetivos propostos, optou-se por analisar uma obra cinematográfica de 2003, o filme *Good Bye, Lenin!*. A produção, de origem alemã, foi dirigida por Wolfgang Becker. A escolha se explica uma vez que a obra permite fazer inferências acerca de mudanças econômicas, sociais e culturais em um período determinado na história: a queda do muro de Berlim. A queda do muro representou o rompimento da separação ideológica entre o capitalismo e o socialismo, a esperança do exercício pleno da política na Alemanha, a liberdade dos fluxos do grande capital e o livre acesso de bens e serviços de empresas de países tecnologicamente mais avançados aos mercados dos países tecnologicamente mais dependentes, corroendo-lhes a sua viabilidade econômica (Dupas, 1999).

Na construção teórica optou-se por contrapor os argumentos de autores de áreas distintas do conhecimento, como: sociologia (Castells, 1999; 2007); economia (Dupas, 1999; Pereira, 2009; Stiglitz, 2007); comunicação (Friedman, 2007).

Para desenvolver a temática, o artigo está dividido em cinco seções, sendo assim estruturado: (i) a primeira constitui essa introdução, que tem o propósito de fazer uma abordagem inicial sobre o tema de pesquisa e apresentar os objetivos; (ii) na segunda seção, são apresentados os aspectos metodológicos do artigo; (iii) a terceira, intitulada globalização, pretende apresentar o conceito e as opiniões de autores que ora convergem, ora se divergem a respeito desse fenômeno mundial; (iv) a quarta seção constrói uma análise sobre a produção cinematográfica e as bases teóricas apresentadas; (v) e a quinta encerra, mas não esgota, uma reflexão sobre como o filme auxiliou na compreensão acerca da rapidez e consolidação das transformações econômicas, sociais e política na Alemanha e no mundo.

Método de pesquisa

A pesquisa apresenta uma abordagem qualitativa e se classifica quanto aos fins como exploratória. Para Mattar (2001, p. 18-19), esse tipo de pesquisa "[...] visa prover o pesquisador de maior conhecimento sobre o tema ou problema de pesquisa em perspectiva". Ainda, "a pesquisa exploratória utiliza métodos bastante amplos e versáteis. Os métodos empregados compreendem levantamentos em fontes secundárias, levantamentos de experiências, estudo de casos selecionados e observação informal".

Quanto aos meios, o estudo se caracteriza como uma pesquisa bibliográfica e documental. Em uma definição de Vergara (2005), os materiais publicados em livros, jornais, revistas e meios eletrônicos são maneiras de se desenvolver uma pesquisa bibliográfica. Godoy (1995, p. 21-22) afirma que a palavra "documentos" deve ser entendida como

[...] materiais escritos (como, por exemplo, jornais, revistas, diários, obras literárias, científicas e técnicas, cartas, memo-

randos, relatórios), as estatísticas (que produzem um registro ordenado e regular de vários aspectos da vida de determinada sociedade) e os elementos iconográficos (como, por exemplo, sinais, grafismos, imagens, fotografias, filmes).

Collis e Hussey (2005, p. 58-59) consideram que existem dois principais paradigmas de pesquisa. São eles: o paradigma positivista e o fenomenológico. "A proposta positivista procura os fatos ou as causas dos fenômenos sociais, dando pouca importância ao estado subjetivo do indivíduo", diferenciando-se, assim, do paradigma fenomenológico, que dispensa "muita atenção ao estado subjetivo do indivíduo". Este último não procura entender a frequência com que os fenômenos ocorrem e sim seu significado. Adotou-se, na presente pesquisa, o paradigma fenomenológico, dado que ela não procura apresentar resultados generalizáveis ou encontrar causas de determinados fenômenos sociais. Ainda, os dados analisados são plenos de significados e subjetivos (Collis e Hussey, 2005).

Para analisar as mensagens produzidas pelos protagonistas do filme proposto – *Good Bye, Lenin!* – optou-se pela técnica de análise de conteúdo, que, para Hair *et al.* (2005, p. 154), "[...] obtém dados através da observação e análise do conteúdo ou mensagem de texto escrito". Para Goulart (2006, p. 162), "[...] pode-se realizar a análise utilizando-se a frequência com a qual cada palavra ou expressão se apresenta ou duração se estivermos lidando com um filme ou áudio".

Globalização

O mundo apresentou e ainda apresenta transformações econômicas e sociais identificadas por alterações nas relações de consumo e de produção. As transformações traduzem-se em: padronização de uma moeda para servir de referência a todos os países; produtos de alimentação, vestuário, cosméticos, eletroeletrônicos de marcas que podem ser encontradas em qualquer parte do planeta; revolução tecnológica; entre outras (Dupas, 1999).

Essas transformações, características do modo de produção capitalista, possuem alguns vieses: (i) a desconcentração do poder econômico e social das mãos do Estado para o mercado e a possibilidade da própria sociedade de se auto-organizar sem a interferência do Estado; (ii) a degradação de uma construção de um mundo mais social, voltado para uma sociedade com pouca ou nenhuma desigualdade social e a (iii) a mudança do comportamento mercadológico e financeiro em todos os continentes do planeta terra. Nesta perspectiva, Castells (2007, p. 39-40) confirma:

O colapso do estatismo soviético e o subsequente fim do movimento comunista internacional enfraqueceram, por enquanto, o desafio histórico do capitalismo [...] testemunhamos a integração global dos mercados financeiros; o desenvolvimento da região do Pacífico asiático como o novo centro industrial global dominante; a difícil unificação global da Europa; o surgimento de uma economia regional na América do Norte; a diversificação, depois desintegração, do ex-Terceiro Mundo; a transformação gradual da Rússia e da antiga área de influência soviética nas

economias de mercado; a incorporação de preciosos segmentos de economias do mundo inteiro em um sistema interdependente que funciona como uma unidade em tempo real.

Além das questões mercadológicas, nas relações sociais as alterações se materializaram em uma miscigenação de pessoas de várias partes do mundo e influenciaram, em certa medida: a cultura; o cotidiano das pessoas; o discernimento do certo e do errado; o que é e não é permitido em relação aos valores e costumes locais; a "etiqueta social"; e a conexão eletrônica, via tecnologia da informação, entre pessoas nas relações da prática social. A criação de redes favoreceu o contato a longa distância entre os indivíduos, criou novas formas de organização social e uma divisão nas identidades culturais em uma mesma localidade, como assevera Castells (2007, p. 41):

Cada vez mais, as pessoas organizam seu significado não em torno do que fazem, mas com base no que elas são ou acreditam que são. Enquanto isso, as redes globais de intercâmbios instrumentais conectam e desconectam indivíduos, grupos, regiões e até países, de acordo com sua pertinência na realização dos objetivos processados na rede em um fluxo contínuo de decisões estratégicas.

Uma das causas para essas mudanças mercadológicas e geopolíticas é apontada por Castells (2007) como sendo a Tecnologia de Informação. Esta tecnologia, na perspectiva do autor, foi um dos principais fatores que provocou uma interação entre os diversos países em relação à economia global, comunicação, gerenciamento do mercado e comportamento do dia a dia na vida das pessoas. Não significa que a sociedade viva em função da tecnologia e nem que esta possua um destino certo para a sociedade. Entretanto, as ações empreendedoras, inovadoras e ousadas no ramo da Tecnologia da Informação intervêm na insaciável busca de mais descobertas tecnológicas, ampliação das redes de comunicação e de relacionamento (Keen, 2009), facilidade nas transações comerciais e consequências positivas ou negativas, sem medida precisa, dos valores, cultura e tradição de grupos e comunidades (Castells, 2001, 2007).

De qualquer forma, a Tecnologia da Informação foi um propulsor essencial do capitalismo a partir da década de 1980. Ela provocou um processo de aceleração da produção voltada para o consumo, lucro, excedente e investimento em novas tecnologias. A difusão da tecnologia penetrou e penetra, até hoje, no seio das sociedades, em qualquer de suas dimensões (industrial, doméstica, pública, particular, militar) voltada para os objetivos do capitalismo: o crescimento econômico; crescimento da produtividade, do trabalho e do capital; facilidade na circulação de mercadorias; aumento da competitividade entre as economias nacionais e a globalização (Castells, 2001).

A palavra globalização é um vocábulo que sintetiza diversas transformações ocorridas nos modos e nas relações de produção no mundo. Ainda é um termo de difícil definição, mas é amplamente considerada como a abertura do mercado para todo o mundo. Existem aqueles pesquisadores que, em contra-

ponto à abertura de mercado, consideram-na como uma forma de promover os objetivos do sistema de produção capitalista. Nesta perspectiva, Pereira (2009) considera a globalização como um oportunismo, sem precedentes, visando à acumulação de capital e maior interlocução entre os países, jamais visto na história da humanidade:

É o sistema econômico em que todos os mercados nacionais se tornam abertos e todos os Estados-nação começam a se comportar de acordo com a lógica da acumulação e competição capitalista. A natureza dinâmica desse estágio, que reflete a extraordinária rapidez da mudança tecnológica, se revela no próprio nome escolhido para ele – um nome cujo sufixo "ização" implica a idéia de mudança. (Pereira, 2009, p. 22).

Em uma percepção positivista, os marxistas classificam a globalização como uma acumulação de capital desonesta e aproveitadora dos Estados-nação mais ricos sobre os mais pobres (Pereira, 2009). Pode-se assinalar que o fenômeno global, para os pessimistas, é a destruição das empresas nacionais, a exploração da matéria-prima e o apoderamento da mão de obra barata. Para os otimistas, é uma mudança nas práticas do mercado, no qual todos os mercados estão abertos, não há limites e barreiras para a competição capitalista, bem como o fortalecimento da integração financeira. Mas tanto em uma quanto em outra definição, há uma opinião convergente: a união planetária por meio da tecnologia. A inovação tecnológica alargou a globalização a partir da possibilidade do capitalismo avançar mais rapidamente. Ainda, integrou o mundo em redes globais, aproximou o mercado dos países desenvolvidos e emergentes, desestruturou, em parte, o sistema de produção socialista e possibilitou a vários países, como Brasil, China e Índia, aumentarem seus processos de geração de conhecimento, produtividade econômica, emancipação do mercado e desenvolvimento industrial. Em contrapartida, algumas consequências negativas são apresentadas por Castells (2007), Dupas (1999), Friedman (2007) e Stiglitz (2007). Para identificá-las, a próxima seção construirá alguns pontos críticos, tanto de caráter positivo quanto negativo, a respeito da globalização.

Críticas à globalização: percebendo os efeitos

Não são poucos os pesquisadores que se posicionam contra ou a favor da globalização. Também não são poucos aqueles que defendem ou analisam a globalização como um bem para a humanidade ou como um mal necessário. O que se percebe é que a globalização não surgiu para agradar ou desagradar ninguém. Contudo, detectam-se pela literatura várias críticas sobre a sua perfeição ou defeitos provocados nos Estados-nação ou no comportamento dos indivíduos. Para esta análise, esta seção se dedica aos pontos positivos e negativos a respeito da globalização, partindo das reflexões dos autores já citados.

Em relação aos pontos positivos, a globalização é mencionada como uma forma de melhorar a qualidade de vida das

peças, nivelar todos os países em um mesmo plano e interligar os mais desenvolvidos aos menos desenvolvidos nas relações de consumo e oferta de produtos. Além disso, Stiglitz (2007, p. 62) considera que a abrangência da globalização alcança a internacionalização de conhecimentos culturais e de crenças e uma interação política, econômica e social jamais vista em épocas anteriores. Especificamente no âmbito econômico, é balizada na integração financeira e produtiva entre os países, aumento do fluxo de produtos e serviços, de capitais estrangeiros, de mão de obra, entrada de investimentos estrangeiros nos países mais pobres, oferta e fabricação de novos produtos e intercâmbio estudantil e trabalhista. Friedman (2007, p. 19) aponta que as mudanças proporcionaram o aperfeiçoamento de mão de obra e surgimento de oportunidades em relação à troca de informações entre os países: "[...] estamos interligando todos os centros de conhecimento do planeta e costurando uma única rede global, o que [...] pode precipitar uma era notável de prosperidade, inovação e colaboração entre empresas, comunidades e indivíduos". Em Friedman (2007, p. 69-70) podem-se encontrar complementações aos argumentos de Castells (2001) ao afirmar que a ampliação do mercado permitiu enxergar o mundo mais homogêneo. Em uma perspectiva mais global, aumentou a oportunidade de emprego para as mulheres e explorou conhecimentos sobre a gestão em finanças, economia, contabilidade e implementação de novos padrões tecnológicos de qualidade.

A globalização conseguiu reunir pessoas de diversos lugares do mundo. Essa reunião permeou a oferta de empregos em países que possuem mão de obra mais barata, como China, Índia e Brasil. A facilidade de contatar com pessoas de diversas partes do mundo por meio da tecnologia de informação possibilitou aliar capital e trabalho do âmbito mais local para qualquer parte do planeta e desimpediu a interlocução entre empresas e empregados sobre a produção intelectual e execução de diversos serviços, principalmente aqueles de execução braçal (Friedman, 2007, p. 17). Na vertente profissional, a busca por mão de obra mais barata ultrapassou limites territoriais jamais alcançados. Despertou-se o interesse de absorver a prestação de serviços em países em desenvolvimento, como na Índia. Para ilustrar, Friedman (2007, p. 50) prescreve que "a norma da economia de mercado [...] é que, onde quer que estejam os melhores recursos humanos e a mão de obra barata, é para lá que as empresas e organizações naturalmente vão migrar".

Sobre os pontos negativos, as críticas dos estudiosos sobre o assunto não são poucas. Inicia-se esta reflexão tratando daqueles com maior interesse na globalização: os países mais desenvolvidos, com maior potencial de indústrias e com a capacidade de explorar o capital estrangeiro, dentre eles os Estados Unidos da América (EUA). Com a premissa do livre-comércio e do capital estrangeiro, os mais beneficiados são as grandes empresas que têm a capacidade de abafar a competitividade das pequenas empresas, principalmente as nacionais. A obtenção de empréstimos bancários para aumentar os investimentos dessas pequenas empresas é, muitas vezes, apoderada pelas grandes empresas, bem como não há um interesse dos banqueiros em fa-

zer empréstimos às microempresas nacionais em detrimento das multinacionais, conforme é possível observar pelas afirmações de Stiglitz (2007, p. 65):

[...] um indiano que dirigia um banco de microcrédito enfatizou o lado negativo do livre-comércio para a Índia. Ele falou dos produtores de amendoim que não conseguiram competir com as importações de óleo de palma da Malásia. Contou que estava cada vez mais difícil para os pequenos e médios negócios obter empréstimos dos bancos. Isso não era surpresa. Em todo o mundo, os países que abriram seus setores bancários para os grandes bancos internacionais descobriram que esses bancos preferem negociar com outras multinacionais como Coca-Cola, IBM e Microsoft.

Na área da saúde, os doentes se sentem ameaçados com o aumento dos preços dos remédios. O meio ambiente é colocado em perigo, em relação a limitação do uso do solo e das riquezas naturais para a preservação da natureza, pontos abordados por Friedman (2007, p. 66):

[...] os operários fabris dos Estados Unidos viam seus empregos ameaçados pela concorrência da China. Os agricultores de países em desenvolvimento viam seus empregos ameaçados pelos altos subsídios agrícolas americanos. Os trabalhadores da Europa viam a proteção do emprego, conquistada a duras penas, sendo atacada em nome da globalização. Os militantes contra a AIDS viam os novos acordos comerciais aumentando o preço dos remédios a níveis fora do alcance para boa parte do mundo. Os ambientalistas sentiam que a globalização punha em perigo sua luta de uma década para estabelecer regulamentações a fim de preservar nossa herança natural.

No tocante aos (des)empregos são incisivas as críticas sobre o que a globalização provocou no campo do trabalho. Em vez de aumentar a oportunidade de emprego, houve casos em que até os empresários de indústrias dos países desenvolvidos, como os EUA, deixaram de abrir vagas para a população local a fim de obter uma mão de obra mais barata em países estrangeiros. O desfavorecimento da mão de obra local para a mão de obra multinacional teve a preocupação de buscar o menor valor a ser pago. Isso foi tão significativo que, em uma pesquisa apresentada por Dupas (1999, p. 91), destaca-se o período entre 1966 e 1987, no qual houve um aumento da oferta de emprego de 184% nos países periféricos contra 39% nos centrais. Essa variação também está associada à automação e à informatização crescentes durante o período e que continua crescendo progressivamente, transpondo as fronteiras nacionais. A decisão de investir no país local ou no exterior tem uma estreita relação com o bem ou o mal que isso pode acarretar para a oferta de emprego. De uma forma ou de outra, a distância geograficamente existente entre os países tende a diminuir cada vez mais por meio da revolução tecnológica. O uso dela, e não ela por si só, poderá determinar a nova lógica das relações globais de produção que estão ligadas à quantidade e qualidade da oferta de empregos. Para Dupas (1999, p. 102), os sinais não são favoráveis. Há uma tendência

de reduzir a geração de empregos qualificados e formais, bem como a de explorar a mão de obra nos países subdesenvolvidos, como na África, assim como aqueles em desenvolvimento como China, Índia e Brasil.

A oferta do trabalho estaria dividida em duas vertentes. A mão de obra qualificada, formada pelos gerentes, produtores e comunicadores, ficaria nos países ricos. A mão de obra menos qualificada, formada por empregados que recebem baixos salários, ficaria nos países mais pobres (Pereira, 2009, p. 43). Isso significa que os países mais pobres, com mão de obra barata, manteriam os países ricos, bem como seriam os responsáveis por exportar e importar tecnologia mais barata e promover a concentração de renda maior e mais rápida nesses países ricos. Por mais que os países pobres crescessem, teriam dificuldade de alcançar os países desenvolvidos, porque o lucro já tem um destino certo.

Por esses e outros motivos a globalização ainda é muito discutida, ora com um discurso voltado para o lado perverso, por aqueles que são contra o movimento, ora com opiniões voltadas para os benefícios que provocou no mundo. Para ilustrar as discussões e os estudos sobre a temática, a próxima seção apresenta um resumo sobre a produção cinematográfica *Good Bye, Lenin!*. Nela se encontram passagens que ilustram muito bem os benefícios e os malefícios provocados pela globalização.

Um olhar sobre o muro

O filme *Good Bye, Lenin!* retrata um período na história mundial em que existiam dois modos de produção: o capitalista e o socialista. Na Europa, a Alemanha era dividida por um muro, conhecido como o Muro de Berlim, construído em 13 de agosto de 1961. O lado oeste da Alemanha era o ocidental, portanto, capitalista. O lado leste era o oriental, sendo este socialista. O modo de produção socialista era representado pelo Partido Comunista. O partido defendia a estatização da produção e o controle total da economia e da política. A existência do muro foi um dos fatores que limitou, ou quase extinguiu, pelo menos de forma simbólica, os movimentos de imigração e as relações políticas e econômicas entre a Alemanha Oriental e o resto do mundo.

O contexto da película se inicia em 1988, na antiga Alemanha Oriental, quando Christiane Kerner, representada por Kathrin Sass, mãe do protagonista Alexander Kerner, representado por Daniel Brühl, sofre um ataque cardíaco grave e fica em coma por oito meses. Christiane era uma rígida defensora do regime comunista. Esses oito meses foram suficientes para que Christiane não assistisse e tampouco participasse de um marco na história alemã: a derrubada do muro de Berlim, a unificação alemã e a derrota do Partido Comunista.

Após os oito meses, Christiane desperta do coma, mas com a limitação de que não deveria ser exposta a fortes emoções. Para evitar isso, seu filho Alexander, temendo que as mudanças ocorridas na Alemanha afetassem os sentimentos e valores de sua mãe, preparou um cenário irrereal sobre a antiga Alemanha no

quarto onde ela se hospedou, para mostrar-lhe que nada tinha mudado e evitar outro ataque cardíaco fatal. Mas, em alguns momentos, seu filho falhava na construção do cenário falso e deixava escapar alguns detalhes, que foram representados por passagens cinematográficas como a inserção da multinacional Coca-Cola no país representada por um banner e a logomarca de um representante de vendas de TV.

A produção do filme reflete sobre as mudanças repentinas no comportamento social nas relações interpessoais e de produção; alterações de paradigmas políticos; mudança de valores nacionais; consequências do desenvolvimento econômico e a influência da globalização no dia a dia das pessoas. É um filme instigante sobre a questão do mercado, do livre-comércio e do comportamento do ser humano no sentido de verificar a relação entre o desenvolvimento mercadológico e o comportamento social.

O muro não bloqueava somente a passagem dos alemães do lado oriental para o lado ocidental, mas também impedia a visão desses alemães de que havia, do outro lado, uma comunidade diferente, um mercado mais avançado e arrojado. Havia, à frente dos alemães, apenas a sua sombra, apenas uma verdade. Fazia-lhes falta um olhar sobre o muro, um olhar para o futuro. Com a queda do muro, além de se abrir caminho para a integração e reunificação do território alemão, possibilitaram-se a implementação e o avanço de um padrão econômico e tecnológico atrasado.

A película apresenta o reforço de uma transformação de mercado em termos de expansão liberal da concorrência, da liberdade de expressão, bem como das relações sociais entre os indivíduos. A queda do muro simbolizou o rompimento de limites culturais, sociais e financeiros, aspectos que são ratificados por Friedman (2007, p. 67):

A queda do muro de Berlim, em 9 de novembro de 1989, liberou forças que acabariam libertando todos os povos dominados pelo Império Soviético – mas, na realidade, fez também muito mais que isso: inclinou a balança do poder mundial para o lado dos defensores da governança democrática, consensual, voltada para o livre mercado, em detrimento dos adeptos do governo autoritário, com economias de planejamento centralizado. A Guerra Fria foi um embate entre dois sistemas econômicos – capitalismo e comunismo. Com a queda do muro, sobrou apenas um sistema, pelo qual todos, de alguma forma, tiveram de se orientar.

A preocupação com a expansão do mercado capitalista praticado pelos países ocidentais para os países de mercado socialista praticado pelos orientais fortaleceu um combate indireto de poder econômico e implicou reformas na relação entre capital e trabalho no âmbito institucional, político e empresarial (Castells, 2007, p. 55):

Uma série de reformas, tanto no âmbito das instituições como do gerenciamento empresarial, visavam quatro objetivos: aprofundar a lógica capitalista de busca de lucro nas relações

capital/trabalho; aumentar a produtividade do trabalho e do capital; globalizar a produção, circulação e mercados, aproveitando a oportunidade das condições mais vantajosas para realização de lucros em todos os lugares; e direcionar o apoio estatal para ganhos de produtividade e competitividade das economias nacionais, frequentemente em detrimento da proteção social e das normas de interesse público.

A intensificação da globalização, que já ocorria em diversos países, conseguiu penetrar no território da ex-Alemanha Oriental. Os mercados nacionais foram abertos e aumentaram a lógica da acumulação do capital e da competição capitalista. Pelo filme, a velocidade com que as empresas absorveram o mercado e conseguiram mudar as preferências de consumo dos cidadãos alemães é representada por passagens como: alimentos semelhantes aos pepinos Spreewälder, feijões Tempo e ervilhas Globus são substituídos por outras marcas estrangeiras e por hambúrgueres King. Também é perceptível como os indivíduos conseguiram, rapidamente, esquecer os seus ritos, valores e preferências nacionais, como canções nacionalistas entoadas por crianças, a substituição da moeda corrente do país pelo marco alemão ocidental, vestuário padronizado e simples, estilo musical do tipo *dance music*, trocando-os pela grande oferta de produtos importados.

Quanto às críticas sobre os efeitos da globalização apresentadas no enredo do filme, aponta-se que, no âmbito econômico, comercial e financeiro, a globalização que penetrou na Alemanha Oriental possibilitou a oferta de vários produtos estrangeiros nas prateleiras dos supermercados, em substituição total aos produtos nacionais, como narra o protagonista Alexander Kerner, em uma passagem da película: "De um dia pro outro, nossas lojas viram um paraíso colorido de produtos" (sic), e a competição internacional de bebidas como a Coca-Cola, e pepinos holandeses.

Neste sentido, extrai-se do filme que a globalização abandonou a antiga ideia da socialização dos produtos e das vontades como única para todos. Quanto ao trabalho, percebem-se o crescimento da oferta e a terceirização dos serviços, como a emissora de TV a cabo representada pela X TV. Houve um investimento na tecnologia, barateamento dos instrumentos de comunicação e erradicação da censura televisiva anteriormente exercida pelo governo alemão oriental. No que diz respeito à promessa de emprego, ao mesmo tempo em que houve maior oferta para os jovens, o desemprego atingiu, principalmente, as pessoas idosas; é a relação idade e capacidade de produção. Além disso, a globalização provocou a extinção de outros postos empregatícios, que foram absorvidos por diversos investimentos estrangeiros; prejuízos da oferta dos postos de trabalho aos alemães nacionais devido à migração de pessoas de outros países; a perda de vagas de emprego por meio de demissões, conforme mostra uma das passagens do filme, por meio de um diálogo entre três dos principais atores: "Eles despediram a minha filha também. De repente foi: obrigado e adeus". Além disso, o comportamento social dos alemães, caracterizado pela tranquilidade

e calma, tornou-se mais agitado e frenético conforme as palavras ditas pelo jovem Kerner: "A vida no nosso pequeno país tornou-se cada vez mais rápida. De algum modo éramos todos como átomos em um grande acelerador de partículas."

Independentemente dos pontos positivos ou negativos, a globalização na Alemanha ilustra o que ocorreu nos demais países: o acesso facilitado ao mercado externo; a entrada de investimentos estrangeiros em diversos países; a diversidade de produtos e mercadorias; e a abertura das fronteiras econômicas e sociais.

Considerações finais

À guisa de encerrar, mas, ao mesmo tempo, de despertar para novas reflexões sobre a globalização, salienta-se que o filme utilizado como referência para desenvolver este artigo auxiliou na compreensão sobre a rapidez e consolidação das transformações econômicas, sociais e políticas de anos em apenas poucas horas. Sua análise abre espaço para novas considerações críticas a respeito do capitalismo, das relações de produção moderna, das alterações comportamentais entre os indivíduos e seus valores culturais que se dispersaram e ainda se dispersam pelo mundo. Também não são limitadas as críticas sobre os benefícios ou malefícios que a globalização provocou nos países desenvolvidos e em desenvolvimento. Nos países desenvolvidos, aumentou a acumulação de capital, explorou-se a mão de obra barata dos países mais pobres como também diminuíram as oportunidades de emprego. Nos países em desenvolvimento, a globalização abriu novos postos de emprego, aumentou as opções de mercadoria, favoreceu a circulação de capital, como também explorou a mão de obra e pulverizou a cultura local.

A desterritorialidade mundial provocou um novo arranjo comercial, cultural e de valores. No filme, o que marcou o sentimento de que o comunismo não mais existirá foi a retirada da estátua de Lênin e fazê-la passear sob os olhares dos cidadãos alemães. A conduta transmite a mensagem subliminar de que Lênin e seus princípios viraram história, não há possibilidade de retornar. A Alemanha é do mundo, assim como o mundo é da Alemanha. Adeus a Lênin! Através de uma construção simbólica, a estátua como referência do comunismo para os alemães se tornaria peça de museu, pois a partir daquele momento o país se revolucionou globalmente, e não há barreiras virtuais, físicas ou políticas que impeçam o contato do povo alemão com o mundo.

O atingimento dos objetivos – lucro, produtividade e competitividade – sonhado pelos capitalistas se sobrepõe a qualquer valor social, infringe qualquer respeito às limitações financeiras do indivíduo e o atendimento às normas do país. Por outro lado, o livre mercado possibilita a melhoria da qualidade dos produtos, a livre escolha e a produção de novos produtos para o consumidor.

Retomando a interrogação elaborada para o desenvolvimento deste trabalho, verifica-se que as relações sociais entre os indivíduos, a distribuição homogênea dos meios de pro-

dução e a valorização da cultura local foram, em boa medida, afetadas pela globalização. Não há como dizer, com veemência, que os efeitos da globalização são um bem ou um mal para a humanidade e para o mercado. Por meio dos pesquisadores apresentados, não há um consenso positivo ou negativo a respeito desse fenômeno. Entretanto, o que se percebe é uma nova era de relacionamentos mercadológicos e sociais que crescem a cada dia, ultrapassam barreiras em relação às resistências à sua expansão e já fazem parte do cotidiano dos indivíduos, sendo que estes produzem suas próprias mudanças e são absorvidos por elas mesmas.

Foi possível, também, identificar as mudanças comportamentais do mercado e as variações comportamentais dos indivíduos em relação à nova ordem econômica emergente, evidenciadas pelas discussões, pesquisas, opiniões dos autores citados e utilizados como base teórica para o desenvolvimento deste trabalho, conforme proposto no objetivo deste artigo.

E, assim, o mundo caminha para uma constante transformação histórica, baseada em uma globalização cultural, de pensamento, de valores, atitudes, comunicação e relacionamento internacional. Até quando? Não há como saber! Talvez até descobrirem uma estátua do responsável pela nova ordem econômica global e derrubá-la. Ou, como afirma Castells (2001, p. 139), "[...] até que um novo paradigma se torne dominante, representando desempenho superior na acumulação de riqueza e poder".

Entende-se que o estudo possibilitou a ampliação da discussão acerca do tema de pesquisa: globalização. Dada a necessidade de se determinar um escopo para o trabalho, apresenta-se como uma limitação a seleção dos autores a serem utilizados para examinar a teoria. Sugere-se, portanto, em estudos futuros, a continuidade da discussão ora iniciada, tomando-se como referência para análise outras obras, tais como aquelas que identifiquem fenômenos relativos ao desenvolvimento da tecnologia de informação e das redes sociais.

Referências

- CASTELLS, M. 2007. *A sociedade em rede*. 11ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 698 p.
- CASTELLS, M. 2001. O informacionalismo e a sociedade em rede. In: P. HIMANEN, *A ética dos hackers e o espírito da era da informação*. Rio de Janeiro, Ed. Campus, p. 136-154.
- BECKER, W. 2003. *Good Bye, Lenin!* Estúdio: arte, Westdeutscher Rundfunk, X-Filme Creative Pool. 1 DVD (118 min.). son., col., legendado.
- COLLIS, J.; HUSSEY, R. 2005. *Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2ª ed., Porto Alegre, Bookman, 352 p.
- DUPAS, G. 1999. *Economia global e exclusão social: pobreza, emprego, Estado e o futuro do capitalismo*. 3ª ed., São Paulo, Paz e Terra, 219 p.
- FRIEDMAN, T.L. 2007. *O mundo é plano: uma breve história do século XXI*. Rio de Janeiro, Objetiva, 557 p.
- GODOY, A.S. 1995. Pesquisa Qualitativa: tipos fundamentais. *ERA - Revista de Administração de Empresas*, 35(3):20-29.
- GOULART, I.B. 2006. Análise de conteúdo. In: I.B. GOULART (org.), *Temas de psicologia e administração*. São Paulo, Casa do Psicólogo, p. 153-174.
- HAIR Jr., J.F.; BABIN, B.; MONEY, A.H.; SAMOUEL, P. 2005. *Fundamentos de métodos de pesquisa em Administração*. Porto Alegre, Bookman, 471 p.
- KEEN, A. 2009. *O culto do amador: como blogs, MySpace, YouTube e a pirataria digital estão destruindo nossa economia, cultura e valores*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 207 p.
- MATTAR, F.N. 2001. *Pesquisa de Marketing: metodologia, planejamento*. 3ª ed., São Paulo, Atlas, 278 p.
- PEREIRA, L.C.B. 2009. *Globalização e competição: por que alguns países emergentes têm sucesso e outros não*. Rio de Janeiro, Elsevier, vol. 1, 240 p.
- STIGLITZ, J.E. 2007. *Globalização: como dar certo*. São Paulo, Companhia das Letras, 528 p.
- VERGARA, S.C. 2005. *Projetos e relatórios de pesquisa em Administração*. 6ª ed., São Paulo, Atlas, 96 p.

Submetido: 09/12/2011

Aceito: 04/04/2012